

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA**

Paula Romano

SABERES E VIVÊNCIAS GEOGRÁFICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**JUIZ DE FORA
2022**

Paula Romano

Saberes e Vivências Geográficas na Educação Infantil

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção da licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes

JUIZ DE FORA

2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Romano, Paula .
Saberes e vivências geográficas na Educação Infantil / Paula Romano. -- 2022.
58 f. : il.

Orientador: Jader Janer Moreira Lopes
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, 2022.

1. Educação Infantil. 2. Crianças. 3. Saberes Geográficos . I. Lopes, Jader Janer Moreira, orient. II. Título.

Paula Romano

Saberes e Vivências Geográficas na Educação Infantil

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção da licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em 01 de agosto de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Sara Rodrigues Vieira de Paula
Universidade Federal de Juiz de Fora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, pela sua imensa misericórdia e bondade, e aos meus pais e demais familiares, pelo apoio nessa caminhada, estimulando e acreditando na execução deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus, pelo dom da vida e por ter me permitido chegar até este lugar.

Aos meus pais e ao meu irmão, por toda a dedicação e paciência, contribuindo para que eu pudesse ter uma jornada mais fácil e agradável, durante esses anos em que estive na Faculdade de Educação.

Ao meu noivo, que sempre esteve ao meu lado durante o meu percurso acadêmico.

Às minhas amigas Brenda, Joyce, Sarah e Thais, por todo companheirismo e apoio, durante todos os períodos.

Ao meu orientador, pelo seu ensinamento, pela sua disponibilidade, por suas correções e pela convivência diária, que me possibilitou apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional.

À banca examinadora por suas colaborações.

Aos meus professores e professoras da Faculdade de Educação que sempre estiveram dispostos em ajudar para um melhor aprendizado.

À Universidade Federal de Juiz de Fora, por todo acolhimento e por ter me cedido ferramentas que me permitiram chegar até o final deste ciclo.

À Escola Municipal Santana Itatiaia que abriu suas portas para que pudesse realizar a pesquisa do meu trabalho e também a todas as pessoas presentes na instituição.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

A todos e todas, minha gratidão eterna!

EPÍGRAFE

“A infância é o tempo de maior criatividade na vida de um ser humano.”
(PIAGET, 1982, s/p).

RESUMO

A Geografia é uma área da ciência de soberana relevância em todos os segmentos da Educação Básica, inclusive na Educação Infantil, pois esse campo de conhecimento pode ampliar a exploração do mundo pelas crianças. A presente monografia de conclusão de curso trata dos saberes e das vivências geográficas na Educação Infantil. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utiliza como instrumento de produção de dados entrevistas realizadas com professoras da Educação Infantil da Escola Municipal Santana Itatiaia, em Juiz de Fora-MG, as quais propiciaram a troca de conhecimentos, experiências e vivências do cotidiano. Os achados demonstram a responsabilidade da instituição escolar e das professoras com a criança como sujeito ativo e de direitos na sociedade, pois reconhecem como a inserção dos saberes e as vivências geográficas na Educação Infantil potencializa o desenvolvimento cognitivo, social e cultural das crianças. Nesse sentido, o espaço geográfico vivenciado pelos alunos no ambiente escolar pode contribuir para o processo de evolução integral das crianças, por meio das interações materiais, sociais e simbólicas desses sujeitos com o meio no qual estão inseridos e as representações que podem ser construídas nesse espaço e com seus pares. Para tanto, é fundamental que a criança perceba a possibilidade de se apropriar do ambiente escolar e vivenciar esse espaço como um lugar pertencente à sua infância, deixando suas próprias marcas registradas sobre as mais variadas formas e marcando seu território por meio de suas ações.

Palavras-chave: Educação infantil; Crianças; Saberes Geográficos.

ABSTRACT

Geography is an area of science of paramount relevance in all segments of Basic Education, including Early Childhood Education, as this field of knowledge can expand children's exploration of the world. This course conclusion monograph deals with knowledge and geographical experiences in Early Childhood Education. The research, with a qualitative approach, uses as an instrument of data production interviews carried out with teachers of Early Childhood Education at Escola Municipal Santana Itatiaia, in Juiz de Fora-MG, which provided the exchange of knowledge, experiences and everyday experiences. The findings demonstrate the responsibility of the school institution and the teachers with the child as an active subject and with rights in society, as they recognize how the insertion of knowledge and geographical experiences in Early Childhood Education enhances the cognitive, social and cultural development of children. In this sense, the geographic space experienced by students in the school environment can contribute to the process of integral evolution of children, through the material, social and symbolic interactions of these subjects with the environment in which they are inserted and the representations that can be built in this space. and with their peers. Therefore, it is essential that the child perceives the possibility of appropriating the school environment and experiencing this space as a place belonging to their childhood, leaving their own trademarks in the most varied ways and marking their territory through their actions.

Keywords: Early childhood education; Children; Geographic Knowledge.

SUMÁRIO

1 COMEÇANDO MINHA JORNADA	11
2 OBJETIVOS	16
3 CONVERSANDO COM AUTORES	17
3.1 O CONCEITO DE INFÂNCIA NO TRANSCORRER DA HISTÓRIA	18
3.2 A INFÂNCIA NA SOCIEDADE OCIDENTAL	20
3.3 A INFÂNCIA E A CRIANÇA	22
3.4 GEOGRAFIA DA INFÂNCIA	26
3.5 AFINAL, O QUE VEM A SER PEREJIVÂNIE?	30
4 CONVERSANDO COM AS PROFESSORAS	31
4.1 CAMPO E PESQUISA	33
4.2 COMPREENDENDO OS DADOS DE CAMPO	39
5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA FINALIZAR	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE	58

1 COMEÇANDO MINHA JORNADA

Ele compreendeu que os lugares ficam guardados dentro da gente. Compreendeu que, se lugar é gente... Gente é lugar! (LOPES, 2016, s/p).

A escolha de um tema ligado à “Educação Infantil” sempre me chamou a atenção. Isso porque, além de gostar de conviver com crianças na minha vida cotidiana, na graduação, pude ter contato com teorias e disciplinas que tratavam desse segmento da Educação Básica cujos conteúdos sempre me interessavam.

Para realizar meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dentre as inquietações que me rodeavam no que tange às crianças e suas infâncias, as relações entre elas e o espaço geográfico dentro do ambiente escolar me interessavam de maneira especial. Assim, ao buscar escolher o tema para o TCC, essa questão se me apresentou como de grande relevância para pesquisa e aprofundamento.

Dessa forma, em termos acadêmicos, profissionais e pessoais, a presente pesquisa torna mais perceptível tudo aquilo que me cerca, os espaços e as relações diárias, fazendo com que tenha um olhar sensível e apurado às diferentes formas como as crianças interagem com o mundo e com o espaço no qual estão inseridas.

Durante a minha infância, recordo-me que gostava de brincar, explorar locais, apropriar-me dos espaços, aprender, investigar os elementos presentes na natureza. Com o passar do tempo, pude ter um contato maior e uma aproximação na busca pela compreensão das vivências espaciais e, com elas, proposições no sentido de ampliar a aprendizagem. Com isso, na Educação Infantil, pude explorar o mundo à minha volta e também ler o mundo vivido, através de propostas de trabalho que possibilitaram a (re)construção de conhecimentos e a territorialidade.

Desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, passei um grande período da minha vida em uma instituição de ensino na qual aprendi muito com meus professores. Dentre os conteúdos, gostava muito de Geografia que me possibilitava novos olhares, além do ensejo de me aprofundar no tema.

Por morar em Juiz de Fora desde que nasci e por haver uma instituição federal próxima da minha casa, sempre tive o desejo de estudar na Universidade Federal de Juiz de Fora. Para isso, inscrevi-me no Programa de Ingresso Seletivo

Misto - Pism¹. Quando da inscrição, minha primeira opção seria o curso de Psicologia. Contudo, com minha pontuação, teria mais chances se me inscrevesse no curso de Pedagogia, que era minha segunda opção. Assim, decidi arriscar e fazer minha inscrição para o curso de Pedagogia na Universidade Federal de Juiz de Fora, no qual fui aprovada em 2018.

Ao longo do tempo, fui me identificando com o curso e deixando de lado a ideia de realizar o curso de Psicologia. O percurso durante a graduação foi me proporcionando muitas experiências significativas, principalmente por meio de docentes maravilhosos e comprometidos com a educação que me fizeram e ainda me fazem acreditar no futuro da educação e na sua valorização diante dos caminhos enfrentados.

Logo no início do curso, tive a disciplina de “Políticas de Educação para a Infância”, que me propiciou o primeiro contato para compreender como funciona a Educação Infantil. Minha primeira prática foi o estágio de “Prática Escolar com Estágio Supervisionado em Educação Infantil I”.

O estágio foi realizado em uma creche, momento em que tive interação com as crianças de 3 e 11 meses de idade. Estava muito ansiosa para ter esse primeiro contato com crianças numa instituição e para saber como essa observação seria importante para minha fundamentação prática, enquanto futura profissional.

Todas as práticas vivenciadas durante meu percurso acadêmico foram de suma importância tanto para o meu crescimento profissional como para o pessoal, pois pude aprimorar meus conhecimentos nas relações diárias durante todo esse percurso, tornando-me uma pessoa mais crítica, habilidosa, experiente e sensível diante de todos os enfrentamentos.

Para me ajudar a entender a prática nas instituições escolares, sobretudo na creche, meu primeiro lócus de observação, foi muito importante compreender sua relação com a teoria que eu estudava nas disciplinas. Desse modo, tive a oportunidade de construir atitudes críticas e reflexivas a respeito do processo de ensino e aprendizagem da criança, vez que, nesse início da sua formação, ela constrói o que será a base para todos os anos de escola que terá no futuro.

¹ O Programa de Ingresso Seletivo Misto (PISM), caracterizado como um processo de avaliação seriada, é segmentado em três módulos de avaliação: I, II e III. As provas ocorrem ao final de cada ano do Ensino Médio.

Com o avançar dos períodos, estava sendo ofertada a disciplina eletiva de “Cartografia com crianças e escolares”, que me chamou muita atenção. Logo me matriculei e tive a oportunidade de aprender como trabalhar a cartografia com as crianças e, além disso, produzir materiais para serem trabalhados com os alunos. Foi a partir daí que tive ainda mais o interesse para elaborar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com a temática sobre saberes e vivências geográficas na Educação Infantil”. Como fora dito, sempre gostara de Geografia e tivera o privilégio de ter docentes que sempre buscavam trazer o melhor para as aulas, através de conteúdos dinâmicos, permitindo um ensino significativo para os estudantes da disciplina.

No decorrer do curso, pude perceber que a educação passou por inúmeras mudanças com o passar do tempo, especialmente a educação ligada à infância. Inicialmente, a educação foi pensada apenas com objetivo de moldar os corpos, tornar a criança um bom cidadão, dando-lhe uma formação moral, desconsiderando a criança como um ser completo, como “[...] um ser histórico e social que tem direitos assegurados por lei. Direitos esses que, se respeitados, garantem a vivência da fantasia, do brincar, da liberdade, da educação, do lazer, da sua infância, enfim da vida”. (CAMPOS, 2010, p. 28).

A questão do direito à educação da criança de 0 a 6 anos se deu com a Constituição de 1988, que instituiu a obrigatoriedade do atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade como dever do Estado.

Na sequência, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº 9.394/1996), a Educação Infantil passa a ser parte integrante da Educação Básica. Em 2006, visa ao atendimento das crianças de 0 a 5 anos. Somente com a Ementa Constitucional nº 59/2009, a Educação Infantil passa a atender crianças de 4 e 5 anos, uma vez que a educação básica torna-se obrigatória dos 4 aos 17 anos.

Em 2017, foi instituída no país a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) incluindo a Educação Infantil. Conforme a BNCC (2017), os eixos estruturantes da Educação Infantil são as interações e as brincadeiras, tendo por objetivo a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Por conta disso, são assegurados seis direitos: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Nesse contexto, são estabelecidos cinco campos de experiências de acordo a faixa etária dos indivíduos, quais sejam; o eu, o outro e nós; corpo, gesto e movimentos; traços,

sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

A Geografia é uma área das Ciências Humanas de suma importância, especialmente na Educação Infantil, visto que, nessa fase, a criança precisa explorar o mundo que a rodeia como forma de se orientar, localizar-se, deslocar-se e agir no meio. A relevância do ensino da Geografia está expressa na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) ao afirmar que

[...] a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças. (BRASIL, 2017, p. 359).

Nesse sentido, o trabalho com a Geografia se faz necessário nas primeiras fases da vida com vistas a promover o desenvolvimento cognitivo, corporal, social e cultural do indivíduo, bem como contribuir para o entendimento das formas de relacionamento humano e suas ações no ambiente e vice-versa.

Embora seja evidente a importância da ciência geográfica na Educação Infantil, é importante ressaltar que as aulas se tornam mais interessantes e motivadoras com a utilização de recursos didático-metodológicos e tecnológicos diferenciados, contribuindo, assim, para a construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, a Geografia na Educação Infantil é o elo entre os saberes geográficos e a aprendizagem da criança, permitindo-lhe que aprenda, de maneira significativa, em todos os aspectos da vida em um corpo social. Assim sendo, nesta pesquisa, cujo tema são os saberes geográficos na Educação Infantil, tem como questão: como as professoras que trabalham com as crianças pequenas trabalham os saberes geográficos?

ARQUIVO PESSOAL DA AUTORA - MINHA CHEGADA NA UFJF



Notícia que havia entrado na Faculdade de Educação, na Universidade Federal de Juiz de Fora



Foto no balanço da Faculdade de Educação

2 OBJETIVOS

Ele era um menino que adorava passear. Gostava de caminhar por todos os lugares, de viajar para diferentes locais. (LOPES, 2016, p. 2).

Durante todo o curso de Pedagogia, pude ter o contato com disciplinas ligadas à Geografia, sendo possível aprofundar nos conteúdos e ter uma ideia do que elaborar no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Essa proximidade com as disciplinas foi fundamental, possibilitando compreender que determinadas matérias e assuntos me chamavam mais atenção.

Dentre meus interesses, destacou-se a fase da infância, buscando compreender como a criança entende o lugar em que vive como seu espaço, os lugares em que brinca e passa o maior tempo, como manipula seus utensílios e brinquedos. Nessa fase, a criança precisa vivenciar situações para que venha a desenvolver uma boa educação que lhe permita construir uma personalidade a partir das relações interpessoais fundamentais no convívio social.

Como expresso na introdução deste trabalho, essa pesquisa tem como tema saberes e vivências geográficas na Educação Infantil. Assim, são estabelecidos objetivo geral e objetivos específicos.

Objetivo geral

- Compreender como as professoras que trabalham com crianças pequenas trabalham os saberes geográficos na Educação Infantil.

Objetivos específicos

- Apresentar a importância da Geografia na Educação Infantil, instigando a vivência como referência, tensionando uma melhor prática para o desenvolvimento da criança;
- Desenvolver e ampliar o pensamento e a vivência espacial nas crianças;
- Contribuir para que os saberes geográficos sejam potencializadores de transformação da realidade da criança e da construção de sua cidadania;
- Propiciar atividades com fundamentação pedagógica no brincar;
- Contribuir para os estudos no campo da Educação, em especial de crianças pequenas.

3 CONVERSANDO COM AUTORES

Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes. (FREIRE, 1987, p. 68).

Partindo de uma perspectiva contemporânea que busca compreender a criança e trazendo um novo olhar sobre ela é que se dá início a este referencial, com base principalmente nos estudos que tratam da infância, da Geografia e da Geografia da Infância.

De acordo com os pressupostos da Geografia da Infância, as crianças são compreendidas como sujeitos geográficos, que vivenciam suas experiências por meio das espacialidades e constroem suas geografias a partir da interiorização das suas próprias lógicas e dos meios sociais em que estão inseridas.

Para a apresentação do referencial pesquisado, este capítulo se encontra separado em seções brevemente descritas na sequência. Em “O conceito de infância no transcorrer da história” - subseção 3.1 - trata-se da mudança de paradigma referente ao conceito de infância.

“A infância na sociedade Ocidental” - subseção 3.2 - retrata as principais mudanças, os acontecimentos e motivos que remetem à infância na sociedade ocidental.

“A Infância e a Criança” - subseção 3.3 - expõe algumas reflexões sobre a infância e a criança, utilizando conceitos modernos, visto que esse tema passa por constantes alterações, que tendem a continuar acontecendo, pois a forma como cada criança vive a sua infância varia conforme os diferentes contextos sociais e suas diferentes culturas.

“A Geografia da Infância” - subseção 3.4 - trata o conceito e as implicações da Geografia da Infância, o que nos possibilita entender que as crianças vivem no espaço em sua plenitude geográfica, deixando suas marcas. Assim, elas podem construir e desconstruir formas, estabelecer lugares e territórios, vivendo seus afetos e seus desejos.

E, por fim, “Afinal, o que vem a ser *perejivânie*?” - subseção 3.5 - traz uma reflexão sobre a categoria vivência *perejivanie*, central nos estudos de Vigotski.

A partir dos estudos, ampliou-se a inquietação de como dialogar e compreender as vivências geográficas das crianças na Educação Infantil, questões, como abordado anteriormente, que haviam surgido na graduação. O trabalho foi

realizado a partir de observações feitas em uma turma de Educação Infantil. Com isso, foi possível refletir como os alunos se apropriam dos conhecimentos relacionados à temática da vivência geográfica. Dessa forma, surgiu o questionamento de “Como, a partir das experiências das crianças, podemos dialogar com a vivência geográfica?”. Portanto, será abordada a relevância da primeira etapa na Educação Infantil, a creche, como espaço significativo no desenvolvimento das crianças e dos bebês.

3.1 O CONCEITO DE INFÂNCIA NO TRANSCORRER DA HISTÓRIA

Ao proceder a um levantamento sobre o conceito de infância no transcorrer da história, pode-se perceber que se registra uma mudança de paradigma no que diz respeito a tal conceito.

Segundo as pesquisas de Ariès (1981), o sentimento de infância inicia-se na Europa. Porém, as pesquisas etnográficas certificam que as comunidades fora desse continente já determinavam um lugar diversificado dos adultos para as crianças. Nunes (2002, p. 65 - 6) manifesta que:

Já é possível (...) descortinar um vasto campo de debate, que carece de mais e mais etnografia produzida dentro e fora do contexto europeu, urbano e globalizado, de modo que favoreceu-se a análise comparativa. Afinal, não devemos querer que se repita um erro do passado, (...) que o conhecimento construído sobre a infância seja apenas o das sociedades dominantes e que o entendimento de todas as outras parta da aplicação desse modelo, sem o questionar, perpetuando-se assim a hegemonia de um padrão de criança ocidental e eurocêntrico.

Com o passar do tempo, a maneira como a infância é vista, atualmente, é expressa da seguinte forma no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p.21), que vem afirmar que “as crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio”. Sendo assim, durante o processo de construção do conhecimento, “as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que procuram desvendar”. (BRASIL, 1988, p. 21).

Esse conhecimento constituído pelas crianças “é fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação”. Ainda convém salientar que

compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina etc. Possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças. (BRASIL, 1998, p. 22).

A partir do momento em que se alcançou uma consciência sobre a importância das experiências da primeira infância, foram criadas várias políticas e programas que visassem promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças, que, por sua vez, passaram a ocupar lugar de destaque na sociedade.

No Brasil, como fora mencionado, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 ressaltou a importância da Educação Infantil, tornando-a primeira etapa da Educação Básica:

Art. 2º A educação, dever da família e do estado inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996).

Contudo, não se trata apenas de se conceder o direito à educação, mas de fazê-lo com qualidade. Ao ingressarem na creche/escola, as crianças já possuem uma vivência com o espaço. Assim, o trabalho na Educação Infantil amplia essa vivência, permitindo que a criança compreenda os conceitos com mais intencionalidade. Além disso, também é preciso oferecer às crianças espaço para novas metodologias de ensino, visando a uma aprendizagem mais agradável e significativa.

Nessa perspectiva, ressalta-se a importância dos saberes geográficos que, como os demais saberes, também passam por transformações no que diz respeito aos conteúdos e metodologias. Isso porque, no mundo atual, a memorização de conceitos não é suficiente para fazer com que as crianças sistematizem os conceitos.

Desse modo, Rodrigues et al. (2014, p. 6) salientam:

Visto que o ensino da geografia passou por mudanças constantes, até ser incluída nos currículos das escolas de educação básica, que

foram mudanças significativas e que fazem com que os educadores reflitam sobre a importância da geografia no cotidiano dos alunos. A mesma não deve ser ensinada de maneira tradicionalista, neste aspecto o professor deve estar atento e ao mesmo tempo ser um mediador.

Portanto, o trabalho da Geografia na Educação Infantil permite à criança ler, reconhecer e compreender o espaço, o mundo, as paisagens, o meio, entre outros. Além disso, a Geografia na Educação Infantil pode ampliar na criança o desenvolvimento das noções de representação e orientação de lugar, paisagem, lateralidade, espaço e tempo, com estratégias de ensino que possam ajudá-la no seu desenvolvimento cognitivo, cultural e social ao longo da vida. Também é necessário que as crianças tenham atividades lúdicas, que lhes permitam aprender espontaneamente, de maneira prazerosa.

3.2 A INFÂNCIA NA SOCIEDADE OCIDENTAL

Na sequência de leituras acerca do tema, a obra “Geografia da Infância”, de Jader Janer Moreira Lopes e Tânia de Vasconcellos, contribuiu para compreender algumas questões importantes acerca da história da infância. Na sociedade ocidental, as crianças eram vistas e tratadas como adultos. Para Postman (1999, p. 34), a ideia de separação entre adulto e criança ocorre com o surgimento da imprensa com caracteres móveis, quando se estabelece uma nova concepção de adulto, excluindo as crianças. Dessa forma, “tornou-se necessário encontrar um outro mundo que elas pudessem habitar. Esse outro mundo veio a ser conhecido como infância”.

A obra de Philippe Ariès destaca que o sentimento de infância surgiu na Europa, quando esse continente diligenciava pelas grandes navegações, discernia a complexidade do mundo e ampliava o contato com outras culturas. Provavelmente, a construção social na Europa tenha sido resultado de uma relação de alteridade com outras populações.

Para o autor, haveria uma pretensa universalidade para o ser criança no mundo ocidental. Contudo, não se pode desconhecer o fato de que as condições materiais e simbólicas de produção da vida das crianças são bem distintas. Não é possível afirmar que existe uma cultura própria para as crianças, mas, sim, culturas infantis, identificando a pluralidade que é específica. Essa pretensa universalidade,

presente no pensamento de Ariès, na verdade, esconde uma variedade de dimensões de infância que variam de localidade para localidade e constituem uma diversidade de marcas sociais. (LOPES; VASCONCELLOS, 2005).

Certamente, pode-se dizer que a criança era vista de uma determinada forma pelos grupos. Na Idade Média, a criança era vista como um adulto em miniatura, eles trabalhavam nos mesmos locais, usavam as mesmas roupas. “A criança era, portanto, diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais” (ARIÈS, 1981, p.14). Por essa visão, foi um período em que a infância era caracterizada pela inexperiência, dependência e incapacidade, pois não tinha as mesmas compreensões que um adulto. Por não haver distinções entre adulto e criança, cabia a elas aprender as tarefas do dia a dia, trabalhar e ajudar os mais velhos nos serviços. Assim, a passagem que tinha por sua família era muito breve. Pouco depois que se passava o período de amamentação, a criança já passava a fazer companhia aos adultos para que aprendesse a servir e trabalhar, sendo criada por outras famílias para que, nesse novo ambiente, aprendesse um ofício.

Já no Renascimento, no decorrer do século XVII, ocorrem os primeiros passos para a separação do adulto e da criança, por meio da escolarização. Antes, por não haver distinção entre idades, todos aprendiam da mesma maneira e sobre as mesmas temáticas. No fim desse século, pode-se notar as primeiras mudanças do conceito de infância. Um dos maiores contribuintes para tal mudança foi a igreja, que teve um papel fundamental ao associar a imagem das crianças com a de anjos, que refletiam inocência e pureza. Sendo assim, Deus as favorecia, devido à sua singeleza e suavidade, que se aproximava da impecabilidade, impondo uma necessidade de amar as crianças e tornando a educação obrigatória, contrariando a indiferença existente há tanto tempo. A partir daí, a iconografia começou a ser demonstrada na figura de crianças-anjos, estabelecendo uma religião para as crianças (ARIÈS, 1981). O fim desse século foi considerado o marco na evolução dos sentimentos em relação à infância, começando-se, realmente, a falar na fragilidade da criança, nas suas peculiaridades e na preocupação com sua formação moral.

Com o passar dos anos, surge o nascimento da concepção de infância no século XVIII, quando as crianças começaram a ser reconhecidas em suas particularidades, começaram a possuir um quarto único, alimentação considerada

específica e adequada, ocupando um espaço maior no meio social. Ali nascia a concepção de infância. Antes, como se viu, a infância era considerada um período sem valor. Agora, a família começa a dar ênfase ao sentimento que tem em relação à criança. Considera-se uma revolução esse novo sentimento dirigido à criança. Ela começa a ser importante, apreciada por sua família, sendo a infância reconhecida como uma época da vida merecedora de orientação e educação. Observamos que, enquanto, na Idade Média, a criança era sem valor e suas responsabilidades eram trabalhar e chegar o mais rápido possível à fase adulta, no Renascimento, ocorre o início do processo de escolarização infantil.

3.3 A INFÂNCIA E A CRIANÇA

Esta subseção aborda algumas reflexões sobre a infância e a criança, evidenciando conceitos imprescindíveis para a compreensão desta pesquisa. É importante ressaltar que compreendemos infância e criança na perspectiva social, que está em constante mudança e tende a continuar, pois a forma como cada criança vive a sua infância varia de acordo com os diferentes contextos e suas diferentes culturas.

A infância e a criança passaram a ser escopos centrais em diversas áreas de conhecimento, como na Sociologia da Infância, Antropologia da Criança, Filosofia da Infância, Psicologia do desenvolvimento e na própria Geografia da infância, constituindo o Campo de Estudos da Infância, no qual passaram a dar maior visibilidade e centralidade para a criança. Desde então, a busca por entender as representações infantis, cores e formas do processo de construção social da infância dentro do ambiente escolar e o papel ou função que a escola desempenha, seja como espaço de disciplina ou de socialização das crianças, vêm sendo cada vez mais frequentes e relevantes.

Sendo assim, existem diversas classificações para determinar o período da infância. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Brasil, essa etapa de vida, na qual ocorrem grandes alterações físicas, emocionais e comportamentais, é compreendida entre o nascimento e o início da adolescência, por volta dos 12 anos de idade, podendo ser subdividida em diferentes etapas de acordo com as faixas etárias. Além disso, é importante pensar a infância no plural e não no singular, pois não existe uma única infância, visto que esse período da vida

pode ser vivenciado de diversas maneiras, conforme a realidade na qual determinada criança está inserida.

Philippe Ariès aborda que a infância passou a ser mais percebida a partir do século XVII, tanto nos ambientes familiares quanto nos escolares, fazendo com que ambas passassem a assumir, por vias distintas, a responsabilidade da educação das crianças. Este foi um dos principais motivos para que o espaço educativo fosse considerado propício para os primeiros estudos da infância, pois possibilita observar a criança nas suas mais variadas dimensões de desenvolvimento cognitivo, crescimento físico e motor, bem como aos condicionamentos a que ela está sujeita.

Com o passar do tempo, a criança passa a ser reconhecida como ser único e pertencente a uma etapa distinta no processo de desenvolvimento humano, possuidora de características e necessidades próprias, que se diferencia do mundo adulto, dando origem a um novo conceito: a infância.

Nesse sentido, a infância é considerada como um processo de construção social cujos principais atores são as crianças. Entretanto, conforme mencionado, por muito tempo, as crianças foram invisíveis aos olhos da sociedade e, durante grande parte da Idade Média, foram consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social e nem autonomia (SARMENTO, 2003). As crianças possuíam distintos papéis, dependendo do contexto social e da época em que viviam, implicações estas que nos fazem compreender como elas vivem e/ou constroem suas aprendizagens até os dias de hoje.

Atualmente, as diferentes áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Psicologia e a Educação, por exemplo, direcionam suas pesquisas para compreender o tema da infância, dialogando com diferentes especialistas de cada uma das áreas específicas para os aspectos abordados e para diferentes faixas etárias determinadas.

Segundo Sarmiento (2003), a infância foi uma construção histórica, resultado de um processo lento e complexo de representações e de produções sobre as crianças, tanto de estruturação de seus cotidianos, como também dos seus modos de vida, em especial a constituição de espaços para as crianças, no início da modernidade, como organizações sociais.

Compreender a infância como construção cultural e histórica é entendê-la como um processo constante e imbricado em um espaço cultural específico

dependente de variáveis sociais, como: classe, etnia, raça, gênero, territorialidade, entre outros. Sarmiento ainda afirma:

As crianças desenvolvem-se como seres sociais no quadro das possibilidades delimitadas pela regulação social da infância – conjunto de dispositivos formais e informais, normativos e simbólicos, de conformação de comportamentos e disposições das crianças – a qual é influenciada e reconfigurada parcialmente, pela sua ação. (SARMENTO, 1997, p.17).

Compreender a infância como uma categoria social, permanente e geracional exige também compreender que as crianças são consideradas como sujeitos ativos, criadores de cultura, capazes de influenciar o meio, ao mesmo tempo em que são por ele modificadas. (SARMENTO, 2008).

Sendo assim, as crianças são consideradas atores sociais a partir de suas próprias experiências, do modo de ser e das condições sociais em que vivenciam a infância. Elas vivem, sobretudo, no presente e não são meramente sujeitos que estão no mundo em função do futuro, do vir a ser, até mesmo como se a única razão da sua própria existência fosse a condição adulta.

Refletir sobre a criança a partir de sua capacidade, em plena interação com o meio, traz à tona a vivência do seu processo de subjetivação, de sua constituição enquanto sujeito ativo e não como quem se submete a algo, neste caso, às imposições sociais. Ainda que o processo de construção social da infância e do ser criança como sujeito social, produtor de cultura, seja condicionado a contextos, políticos, sociais, econômicos, faz-se necessário pensar no aspecto social e no meio em que ela se encontra inserida.

O mundo da criança é muito heterogêneo, ela está em contacto com várias realidades diferentes das quais vai aprendendo valores e estratégias que contribuem para a formação de sua identidade pessoal e social. Para isso contribuem a sua família, as relações escolares, as relações de pares, as relações comunitárias e as atividades sociais. (SARMENTO, 2003, p.14).

É por meio dessas interações que as crianças passam a estabelecer processos de aprendizagem, pois a interatividade é eminente. As crianças aprendem umas com as outras, nos espaços compartilhados. É durante essas trocas que as crianças passam a estabelecer culturas de pares, isto é, um conjunto de atividades,

rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e partilham na interação umas com as outras. (CORSARO, 1997).

A cultura de pares permite que as crianças se apropriem, reinventem e reproduzam o mundo que as rodeia. A convivência com as outras crianças, por meio da realização de atividades e rotinas escolares, permite-lhes afastar os medos, representar fantasias e cenas do cotidiano, funcionando como terapias para lidar com experiências negativas. Essa partilha de tempos, ações, representações e emoções são necessárias para um mundo melhor e seu entendimento, fazendo parte do processo de crescimento das crianças. (SARMENTO, 2003).

Reconhecer a infância com todos esses elementos citados anteriormente é compreender, de acordo com Lopes (2008), um tempo e um lugar no mundo, no contexto social. As crianças, como sujeitos constituintes dessa categoria, são ativas diante do processo de delimitação das condições sociais de sua existência. Nas palavras do autor:

A infância não é também o não-lugar, o não-tempo. As crianças são, assim, produtoras de culturas próprias e negociam sua existência com as demais categorias presentes na sociedade, buscando negar a condição de categoria submetida – e é isso que possibilita a transgressão/inversão/criação do espaço originalmente concebido e concedido [...]. (LOPES, 2008, p. 77).

Para além disso que foi dito, existe uma questão relevante considerada por Sarmiento (2003), em relação aos estudos das culturas da infância, que é a interpretação da sua autonomia, relativamente aos adultos, realizando os processos de significação, produzindo culturas infantis, contribuindo ativamente na construção de culturas em que se encontram inseridas. Como afirma o mesmo autor: “As culturas da infância exprimem a cultura societal em que se inserem, mas fazem-no de modo distinto das culturas adultas, ao mesmo tempo em que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo”. (SARMENTO, 2003, p.12).

Ainda falando de cultura infantil, pode-se dizer que ela se encontra estruturada em quatro eixos, quais sejam: a interatividade, a ludicidade, a fantasia do real e a reiteração.

De acordo com Sarmiento (2004), a interatividade se faz presente em diversos momentos, principalmente, quando se trata da brincadeira e o contato com o outro.

A ludicidade pode ser comparada com algo mágico, sendo representada em todos os momentos possíveis vivenciados pelas crianças, tornando, assim, as atividades sociais ainda mais significativas, partindo de um pressuposto real. A fantasia do real vem para contemplar o “mundo do faz de conta” dando ainda mais sentido ao mundo da criança, partindo de um pressuposto menos invasivo. Por fim, a reiteração faz com que as crianças tenham domínio da construção de suas ações e da gestão do seu tempo. Nesse sentido, vale afirmar que o lugar da criança é o lugar das culturas da infância, mas esse lugar está sempre em constante mudança, reestruturado pelas condições estruturais presentes em nossa sociedade, que, por sua vez, define as gerações em cada momento. Sendo assim, Sarmiento ainda afirma que

as crianças desenvolvem-se como seres sociais no quadro das possibilidades delimitadas pela regulação social da infância – conjunto de dispositivos formais e informais, normativos e simbólicos, de conformação de comportamentos e disposições das crianças – a qual é influenciada e reconfigurada parcialmente, pela sua ação. (SARMENTO, 1997, p. 17).

A compreensão da criança como sujeito social pode resultar do meio em que ela está inserida e da cultura vigente nesse ambiente, compreendida como fator social, externo e coercitivo, gerando uma condição propícia para a reprodução cultural. Dessa forma, o reconhecimento da infância possibilitou duas compreensões: a promessa de igualdade, liberdade e emancipação, bem como a intolerância com a diferença e a diversidade; uma preocupação acentuada com a uniformidade, que devagar seria formulada pelas instâncias da lei e da educação.

A partir dessas constatações trazidas até aqui de conceitos e compreensões sobre a infância e a criança, torna-se possível entender e observar as crianças mais livres, sendo tal liberdade impressa sobre a manipulação do seu meio, especificamente quando envolvem os brinquedos e as formas do brincar.

Portanto, a criança é capaz de criar formas de brincar, de compreender e de representar seu cotidiano e a cultura à qual têm acesso.

3.4 GEOGRAFIA DA INFÂNCIA

No artigo “Geografia da infância: territorialidades Infantis”, Jader Janer Moreira Lopes e Tânia de Vasconcellos abordam perspectivas da própria área de estudos, conceituando alguns elementos fundamentais para a pesquisa, tais como o

próprio sentido da Geografia da Infância, territórios, espaços e tempos de concepções geográficas. (LOPES; VASCONCELLOS, 2005).

Partindo, então, de estudos da Geografia da Infância e buscando compreender os espaços utilizados pelas crianças da Educação Infantil, faz-se necessário destacar alguns apontamentos sobre conceitos específicos que permeiam a área da Geografia.

A geografia da infância tem como questão básica a compreensão da infância em seus diferentes contextos, ou seja, como os arranjos sociais, culturais, produzem as infâncias em seus diferentes espaços e tempos e como as crianças ao se apropriarem dessas dimensões sociais, as reconfiguram, as reconstróem, e ao se criarem, criam suas diferentes geografias. (LOPES, 2006, p.122).

Ainda de acordo com Lopes (2006), é necessário distinguir a infância de criança, pois a infância, para o campo de estudos da Geografia da Infância, “seria o lugar que cada grupo social destina para suas crianças. O lugar concebido em todas as suas dimensões, com toda rede simbólica que o envolve”. (LOPES, 2006, p. 122).

Sendo assim, os estudos da Geografia da Infância buscam traçar perspectivas relevantes, como a questão de gênero, faixa etária, condições econômicas, etnias e assim por diante, apontando representações diferenciadas nas questões de tempo-espaço, como podem apontar as considerações feitas por Lopes e Vasconcelos (2006).

Diferentes concepções de infância são estabelecidas pelo mundo e estão atreladas a questões de ordem econômica, política, religiosa, cultural, entre outras tantas. Sua combinação revela as representações que as sociedades têm de suas crianças e infâncias e aponta as possibilidades abertas a esses sujeitos no meio social. Por isso, atos e comportamentos das crianças não podem ser tomados como meros arranjos do agora, mas produto do patrimônio cultural humano que é aprendido e contribui para o seu desenvolvimento.

A infância é o lugar social de onde falam as crianças em conjunto com outros sujeitos sociais pertencentes à nossa sociedade. A partir dela, as crianças vivem e se relacionam com seus diferentes mundos e também com os adultos. Em um movimento simultâneo, a mesma criança que é influenciada pela infância à qual pertence também ajuda em sua construção, dentro de suas possibilidades. Nesse sentido, Lopes e Vasconcellos destacam:

As territorialidades infantis pressupõem um embate entre as concepções do adulto e da criança, da família e das instituições, da cultura de massas e da cultura popular, enfim, todas as demais que definem o modo de vida das crianças. (LOPES; VASCONCELLOS, 2005, p. 41).

Paralelamente a isso, a Geografia da Infância nos possibilita entender que as crianças vivem no espaço em sua plenitude geográfica, deixando suas marcas, por meio de suas interações e representações nesses lugares. Sendo assim, elas conseguem construir e desconstruir formas, estabelecer lugares e territórios, vivendo seus afetos e seus desejos. Busca-se ainda compreender as crianças nos espaços vividos, entendendo suas lógicas, ouvindo-as e aprendendo com elas, percebendo sua presença no mundo e ainda respeitando suas formas de ser e estar.

O conceito de territorialidade implica a ideia de disputa. Portanto, compreender a infância como territorialidade é concebê-la como processo dinâmico, permanente, inconcluso de embate dos diferentes agentes de produção da infância – dentre eles as crianças que a partir dos diferentes modos pelos quais se apossam dos lugares a elas destinados, emprestam-lhe novas configurações e sentidos, criam para si novos e inusitados lugares. (VASCONCELLOS, 2008, p. 19).

Assim, podemos afirmar que existem tantas infâncias proporcionalmente aos contextos sociais inseridos em tempos e espaços específicos, o que produz diferentes formas de ser criança (LOPES, 2005). Desse modo, “(...) tornar-se criança em determinado grupo social faz parte do processo de endoculturação (...)” (LOPES; VASCONCELOS, 2006, p. 111), pois ninguém nasce em um vácuo social. Ao nascerem, as crianças são apresentadas a um mundo que veio sendo, espacial e historicamente, construído ao longo do processo de evolução humana. Especificamente, em seu grupo social, as crianças tomam contato com um emaranhado de sistemas simbólicos e de significações previamente estabelecidos e que preenchem todos os seus aspectos culturais.

Nesse sentido, todos os elementos ligados à infância tendem a ser compartilhados por atores sociais diversos, como família, escola, Estado, empresas e demais instituições, conforme um projeto de infância socialmente construído. Espaços e tempos são pensados de acordo com um sistema preestabelecido dentro de uma lógica encaixada em uma visão adulta da criança e da infância, sendo revelada ainda atualmente uma atitude adultocêntrica presente nas interações entre

crianças e adultos, o que coloca as crianças em uma posição passiva diante do mundo. Por isso, Vasconcellos aponta que

a infância, portanto, dá-se em um amplo espaço de negociação que implica a produção de culturas de criança, do lugar, dos lugares destinados às crianças pelo mundo adulto, das territorialidades de criança e das instituições que regulamentam a infância, da relação da criança com a produção e consumo da cultura de massa e cultura popular. (VASCONCELLOS, 2008, p. 19).

A cultura de infância é essa rede de significados construída pelas interações entre as crianças com o mundo que lhes garante a condição de grupo cultural, com sistemas próprios de produção simbólica.

Lopes (2018) pensa e repensa que o espaço da criança não está só no sentido geográfico, mas também no sentido de “lugar” pertencente ao que se adquire ao longo de nossas vidas, seja ela enquanto jovem, adulto ou até mesmo idoso, sem contar na vida das próprias crianças. Nesse sentido, o espaço não se faz presente somente na infância ou no passado das pessoas, ele também é um componente atual na vida de cada um de nós, o qual se reconfigura no convívio do dia a dia das pessoas.

Vale ressaltar que a dimensão territorial envolve não somente o poder de alguém ou de um grupo sobre um determinado espaço, mas, para além disso, o controle do deslocamento e do movimento do outro. Os diferentes territórios podem se ligar, combinar e entrelaçar, revelando muitas vezes os conflitos de diversos grupos sociais em suas espacialidades e o destino esperado para seus diferentes sujeitos, tendo em vista o que Lopes (2018) pontua:

Toda criança é criança de um local. De forma correspondente, para cada criança do local existe também um lugar de criança, um lugar social designado pelo mundo adulto e que configura os limites da sua vivência. Ao mesmo tempo, toda criança é criança em alguns locais dentro do local, pois esse mesmo mundo adulto destina diferentes parcelas do espaço físico para a materialização de suas infâncias. (LOPES, 2018, p.39).

Por isso, as crianças se apropriam desses espaços e lugares, reconfigurando, reconstruindo e, para além disso, apropriam-se de outros, forjando suas próprias territorialidades, ainda segundo o autor, seus próprios territórios usados. Sendo assim, a infância se dá num amplo espaço de negociação que implica a produção de

culturas da infância, de lugares destinados às crianças pelo mundo adulto e suas instituições, resultando desse embate uma configuração atual chamada de territorialidades das crianças, geografias construídas por elas.

Como também é destacado pelo autor, a criança não está no espaço, não está no território, não está na paisagem, ela é o espaço, ela é o território, ela é o lugar e a paisagem, sendo, portanto, uma unidade vivencial. (LOPES, 2007; 2012).

Nessa abordagem, a criança no espaço não significa apenas passagem, pois ela vivencia esse espaço como possibilidade de modificação e de transformação. Para Lopes (2009, p. 131), “[...] se a criança é um sujeito histórico, como vem sendo alardeado nos discursos mais contemporâneos, podemos afirmar que ela também é um sujeito geográfico”. Ser considerada como sujeito geográfico é, sobretudo, aquele sujeito que está no mundo, ou seja, é o ser no mundo.

Portanto, a Geografia da Infância presume os espaços geográficos e a constituição dos territórios pelo ponto de vista das crianças, pois leva em consideração sua participação em discussões do cotidiano escolar, visto que o encontro de conhecimentos e os olhares geográficos podem auxiliar no crescimento desses indivíduos como sujeitos ativos na construção dos espaços, no contexto deste trabalho, o território escolar.

3.5 AFINAL, O QUE VEM A SER PEREJIVÂNIE?

Neste ponto, parece fundamental tratar acerca de um conceito central na obra do psicólogo Lev Semionovitch Vigotski, a categoria *perejivânie* (vivência), ainda pouco estudada no Brasil. Ademais, o que vem a ser *perejivânie*? Qual sua importância na explicação do desenvolvimento do psiquismo humano?

Para entender o sentido de *perejivanie*, na obra de Vigotski, é preciso diferenciar *perejivanie* de experiência. Experiência diz respeito a situações pelas quais o indivíduo passa e que nem sempre impactam seu desenvolvimento. Podemos passar por várias experiências ao longo da vida e muitas delas simplesmente são apagadas da nossa memória ou têm pouca ou nenhuma importância no processo histórico de nosso desenvolvimento.

Para Vigotski (2010), a *perejivanie* sempre remete a algo que impacta o sujeito, que o transforma, que o modifica e, portanto, modifica sua relação com dada realidade. Quando passamos por situação de *perejivanie* (vivência), nada mais

continua igual, nossa atitude muda em relação à situação vivida. Passamos a ter outra relação com o objeto pelo qual fomos afetados pela situação social.

Por essa razão, *perejivanie* é compreendida por Vigotski como a unidade que melhor expressa a relação afeto/intelecto. Vigotski assevera, na “Quarta aula: questão do meio na Pedologia”, que

a vivência de uma situação qualquer, a vivência de um componente qualquer do meio determina qual influencia essa situação ou esse meio exercerá na criança. Dessa forma, não é esse ou aquele elemento tomado independentemente da criança, mas, sim, o elemento interpretado pela vivência da criança que pode determinar sua influência no decorrer de seu desenvolvimento futuro. (VIGOTSKI, 2010, p. 751).

Portanto, é possível trabalhar de maneira significativa os saberes geográficos, pois esta é uma ciência cujo conhecimento está atrelado à unidade, sociedade e natureza, à leitura de mundo que a criança tem com relação ao espaço, aos negócios, entre outros aspectos.

4 CONVERSANDO COM AS PROFESSORAS

A criança é um ser humano, é uma pessoa, que dependeu de outras para se revelar, mas que possivelmente abrirá para outras o caminho da vida. E que já nasceu pessoa. Toda criança nasce com o direito de ser. É um erro muito grave, que ofende o direito de ser, conceber a criança como apenas um projeto de pessoa, como alguma coisa que no futuro poderá adquirir a dignidade de um ser humano. (KORCZAK, 1981, p.21).

O tema saberes e vivências geográficas na Educação Infantil, a partir do olhar das docentes que trabalham nesse segmento da Educação Básica, constitui-se como ideia central deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Em torno dele, foram pensadas as questões para a investigação, quais sejam: como, a partir das experiências das crianças, podemos aplicar a vivência geográfica? Como as crianças vivenciam o espaço? Como as crianças estão envolvidas no uso da linguagem geográfica? Como as crianças vivem em outros locais?

A metodologia utilizada para a realização do trabalho foram entrevistas com as professoras que atuam na Educação Infantil. A finalidade foi compreender como

as professoras da Educação infantil pensam sobre os saberes geográficos na infância e na Educação Infantil. Esta pesquisa, realizada no meio do ano letivo quando se passava pela pandemia do Covid-19, utilizou como material² um aparelho celular, que permitiu gravar todos os diálogos das professoras entrevistadas. A entrevista ocorreu ao longo da semana. Com a utilização desse instrumento, foi possível analisar a construção e a convivência com uma realidade pedagógica específica, de acordo com o contexto em que está inserida, para, assim, contribuir com essa realidade.

Para melhor balizar a investigação, foi utilizado o livro “Investigação Qualitativa em Educação”, de Robert C. Bogdan e Sari Knopp Biklen (1994), o qual aborda o conceito de pesquisa qualitativa, apresentando cinco características que configurariam esse tipo de estudo, propiciando a compreensão para realizar a pesquisa.

A primeira característica é que a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados, sendo o pesquisador caracterizado como o principal instrumento. Segundo os autores, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, através do trabalho intenso de campo.

A segunda característica é que os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas, rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos, inclui transcrições de entrevistas, depoimentos, fotografias e desenhos, entre outros. Citações são frequentemente usadas para subsidiar uma afirmação ou esclarecer uma ideia. Todos os dados da realidade são relevantes. O pesquisador deve, assim, atentar para o maior número possível de elementos presentes no contexto estudado, pois um aspecto supostamente comum pode ser essencial para a melhor compreensão do problema que está sendo estudado.

A terceira característica aborda que a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do pesquisador, ao estudar um determinado problema, é averiguar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações do dia a dia.

² Devido ao momento de pandemia que estamos vivendo e com o retorno presencial, foram seguidos todos os protocolos de segurança.

A quarta característica diz respeito ao “significado” que as pessoas fornecem para os objetos e a vida que são os focos de atenção pelo pesquisador. Nesses estudos, há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, ou seja, a maneira de os informantes encararem as questões que estão focalizadas. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das opções, geralmente inacessível ao observador externo.

E, por fim, a última característica, a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da informação dos dados num processo de baixo para cima.

Em suma, a pesquisa qualitativa ou naturalística, segundo Bogdan e Biklen (1994), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes, a produção dos dados ocorre no ambiente em que o tema está acontecendo, por isso, sua expressão naturalística.

4.1 CAMPO E PESQUISA

A pesquisa ocorreu na Escola Municipal Santana Itatiaia, localizada no Campus Universitário da UFJF, em Juiz de Fora. A escola se constitui apenas com turmas de Educação Infantil, nos períodos da manhã e à tarde. A escola apresenta toda a estrutura necessária para o conforto e desenvolvimento educacional dos alunos, como, por exemplo, refeitório, biblioteca, laboratório de informática, sala de leitura, pátio descoberto, área verde, sala dos professores e espaço para alimentação.

A escolha da escola se deu por ser dentro da Universidade Federal de Juiz de Fora e próxima da Faculdade de Educação. Assim que escolhi a escola, entrei imediatamente em contato com a direção, para ver se havia a possibilidade de executar a pesquisa de campo. Prontamente, a diretora da escola permitiu o acesso para efetuar a entrevista com as professoras, organizando os dias e horários mais adequados para cada uma.

A entrevista foi realizada com seis professoras da Educação Infantil, no período da manhã que consentiram que a entrevista fosse gravada com o aparelho de celular. Logo no início, foi combinado com as professoras de se manter o anonimato, sendo cada uma nomeada com letras: professora A, professora B, professora C, professora D, professora E, professora F.

Quadro 1 – Perfil das professoras

PROFESSORAS	TURMA	FORMAÇÃO NA GRADUAÇÃO	TEMPO DE DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Professora A	1º período B	Pedagogia	7 anos
Professora B	1º período A	Pedagogia	30 anos
Professora C	1º período E	Pedagogia	2 anos
Professora D	2º período A	Pedagogia	6 anos
Professora E	1º período C	Pedagogia	25 anos
Professora F	2º período B	Pedagogia	7 anos

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A experiência de, pela primeira vez, trabalhar com as entrevistas foi gratificante. Antes de fazê-las com as professoras, como ainda havia um pouco de ansiedade e insegurança, como forma de vivenciá-las, realizei-as com outras pessoas, para ver como seria esse primeiro contato.

Ao realizar as entrevistas com as professoras, tive um momento de muito aprendizado com cada uma delas. Além disso, pude saber mais como elas consideram ensinar para a Educação Infantil, com definem a criança e a infância, se acham que ensinar para a Educação Infantil é diferente de ensinar para crianças de outra faixa etária, como conceituam os saberes geográficos na Educação Infantil, quais atividades trabalhadas em sala identificam que estão ligadas com os saberes geográficos e como ensinam e aprendem.








Assim, considerando-se os aspectos vivenciados nas entrevistas realizadas na Escola Municipal Santana Itatiaia, posso afirmar que se tratou de uma experiência muito enriquecedora e um momento de muito aprendizado, que

proporcionou uma ampla visão de como as professoras da Educação Infantil pensam sobre os saberes geográficos na infância e na Educação Infantil. Dessa forma, foi possível refletir sobre as falas de cada uma delas e também aprender um pouco como é realizado o trabalho de cada docente na Educação Infantil.

Essa experiência me permitiu adquirir novos conhecimentos. Assim sendo, foi de importância ímpar, proporcionando chances de refletir e, além disso, possibilitou-me ter uma base para a minha formação profissional. Desse modo, foi um momento de muito crescimento e, a partir das experiências vivenciadas, das trocas de saberes, da aproximação com todos os envolvidos, foi possível desenvolver um trabalho significativo.

Após as entrevistas, foram feitas suas transcrições. Cada uma delas foi lida diversas vezes de forma separada e depois em conjunto. Isso me permitiu traçar as singularidades em cada texto e também as aproximações. Tendo por base essas duas dimensões (o singular e o coletivo), organizou-se uma legenda temática utilizando cores. Essa legenda se constitui em criar um painel das narrativas ligadas ao tema central do trabalho. Em cada entrevista, as falas das docentes foram separadas por temáticas e cores, conforme descrição abaixo:

Legenda temática

-  Conceção de Infância
-  Conceito de Criança
-  Organização do Espaço
-  Trabalho na Educação Infantil
-  Ensino e Aprendizagem
-  Educação Infantil e Outras Faixas Etárias
-  Saberes Geográficos na Educação Infantil

A seguir, a título de exemplo, transcrevo trechos de algumas entrevistas para explicitar o movimento metodológico:

Entrevista 1

Professora: A

Dia: 04/05/2022

Hora: 08h32min

Local da entrevista: Escola Municipal Santana Itatiaia

Formação na graduação: Pedagogia

Tempo de docência na Educação Infantil: 7 anos

“Eu acho que é uma das etapas mais importantes, é onde a criança vai ter a base, o alicerce para o desenvolvimento pedagógico, em toda sua vida escolar. A base será na Educação Infantil”. (PROFESSORA A, 2022).

“Todos os dias, a gente aprende aqui nas vivências, nas trocas, tendo um olhar bem singular e atento para cada criança, para cada experiência que ela traz de vida dela. E assim, o professor também precisa ser um professor pesquisador, você tem que pesquisar, tem que estar sempre estudando. Mas, na prática, a gente aprende, na troca, mesmo sendo crianças na faixa etária de 4 anos, mas a gente sempre aprende. E ensinar também, a gente busca metodologias, algo que acontece muito espontâneo, mas é claro, que a gente tem que vir preparado, buscar metodologias próprias para ensinar um determinado conteúdo”. (PROFESSORA A, 2022).

Entrevista 2

Professora: F

Dia: 11/05/2022

Hora: 10h

Local da entrevista: Escola Municipal Santana Itatiaia

Formação na graduação: Pedagogia

Tempo de docência na Educação Infantil: 7 anos

“Para mim, a criança é aquele ser pequenininho, que ainda não se desenvolveu, não chegou na fase adulta. E a infância, para mim, é a etapa que a criança está vivendo, na minha opinião, ela não se restringe apenas a criança até os 7 anos, ela

vai até chegar na adolescência, é uma fase maravilhosa. Porque a infância é uma descoberta, descoberta do mundo, é um período em que a criança vai experimentar traços, sons, independente de ser na escola, a escola é um meio, é um caminho, que vai proporcionar esse conhecimento. Mas, a criança já começa a ter essas experiências muito antes, quando nasce, ao nascer ela já tem contato com os sons, traços, com cores, mesmo que de forma indireta. Então, a infância é um momento muito rico, é um momento que ela vai construir a história da família, construir a relação com os amiguinhos, construir a relação com a própria vizinhança. Pra mim, é a melhor etapa, se nós pudéssemos sempre voltar a infância, lembrar de como é bom, valeria a pena todos os dias”. (PROFESSORA F, 2022).

“Com certeza, a Educação Infantil ela tem uma demanda que é muito específica da Educação Infantil, os primeiros conhecimentos que são passados, tudo que a criança vai ter como início, como base é na Educação Infantil, o que você vai fazer depois no Ensino Fundamental, seja nos Anos Iniciais ou nos Anos Finais, já é uma continuação daquilo que se iniciou na Educação Infantil. Então, é diferente, porque na Educação Infantil ainda tem a questão muito atrelada ao cuidar e ensinar, no Ensino Fundamental não, você é mais que, vamos dizer assim, não seria a forma correta de dizer , automático e puramente conteudista, não seria a forma correta, mas é a realidade, no Ensino Fundamental é mais conteúdo mesmo e o cuidar fica mais de lado, então é diferente”. (PROFESSORA F, 2022).

Escola Municipal Santana Itatiaia





4.2 COMPREENDENDO OS DADOS DE CAMPO

Nesta seção, os dados coletados ao longo desta pesquisa serão expostos, promovendo reflexões acerca das percepções das professoras da Educação Infantil, da Escola Municipal Santana Itatiaia, em Juiz de Fora. Como já descrito, o tema da pesquisa são os saberes geográficos na Educação Infantil, tendo como objetivo compreender como as professoras que trabalham com crianças pequenas abrangem essa questão.

A partir das entrevistas, foram levantados os seguintes temas: “Concepção de Infância”; “Conceito de Criança”; “Organização do Espaço”; “Trabalho na Educação Infantil”; “Ensino e Aprendizagem”; “Educação Infantil e Outras Faixas Etárias” e “Saberes Geográficos na Educação Infantil”.

Em virtude da área de conhecimento da formação de cada professora, as possíveis diferenças de abordagens teóricas influenciaram diretamente nas respostas às questões propostas, promovendo maior diversidade de opiniões e contribuindo para a construção de conhecimentos na área de estudo da Educação.

Em relação ao tema, “Concepção de Infância”, as professoras relataram que a infância é uma etapa da vida que é determinante para o desenvolvimento. Já em relação ao tema “Conceito de criança”, para as professoras, a criança é um ser humano que ainda não se desenvolveu, que está construindo sua identidade.

É necessário enfatizar que, ao se tratar das transformações históricas dos conceitos de infância e criança, alguns autores utilizam essas expressões como sinônimos. Entretanto, vale ressaltar que há uma diferença entre as concepções de infância e criança, sendo a primeira compreendida, em síntese, como uma etapa da vida da pessoa e, a segunda, como sujeito histórico, social e cultural. As palavras de Heywood (2004) esclarecem o que queremos dizer. Ao estabelecer a diferença entre os termos em discussão, o autor define infância como uma “abstração que se refere à determinada etapa da vida, diferentemente do grupo de pessoas sugerido pela palavra crianças”. (HEYWOOD, 2004, p. 22).

De acordo com as professoras participantes da pesquisa, fica claro como cada uma compreende a concepção de infância e o conceito de criança. Sendo eles:

A criança e a infância pra mim, é o centro de tudo. Porque se desenvolver bem, se ela tiver uma boa infância, ela vai levar aquilo pra vida toda dela, principalmente para a vida pedagógica, ela vai se

desenvolver muito bem, ela vai conseguir construir bons textos, ela vai dar boas respostas, ter boa interpretação de mundo. E essa construção acontece na infância, na primeira infância, eu acredito³. (PROFESSORA A, 2022).

Criança é esse serzinho que a gente vê por aqui, feliz, sempre alegre e participativo. E a infância é o que eles estão aqui fazendo, brincando, aprendendo, nos ensinando também. Porque as crianças também trazem muita bagagem e cada vez mais a gente fica, assim, lisonjeado de ser a professora e de poder aprender com eles. (PROFESSORA B, 2022).

A criança está inserida na infância, a criança é um ser que ela traz pra gente um certo conhecimento, uma vivência. E assim, a infância, é tudo de mais lindo, de mais puro. Temos que levar em conta tudo aquilo que ela traz pra gente, porque a gente também aprende com elas, com certeza, não é só a criança que aprende com a gente. E o mundo dela, e a vida dela, a infância dela, então temos que respeitar tudo aquilo que a criança traz com ela, o dia a dia dela, cada um tem uma vivência de mundo, na família que ela está inserida, o que a criança traz do dia a dia dela, o que ela fez lá fora, o que ela faz aqui. Temos que respeitar essa questão de criança, criança- escola, então é o que ela traz com ela, é a bagagem dela. (PROFESSORA C, 2022).

Criança, pra mim, é um sujeito histórico que está construindo sua identidade através das relações e práticas vividas no dia a dia. E a infância, eu acredito que é uma etapa da vida e não uma preparação para o futuro, respeitando o tempo de cada um. (PROFESSORA D, 2022).

As crianças são individuais, cada uma muito diferente uma da outra, considerando muitos aspectos, família que ela pertence, grupo social que ela está inserida, forma que é educada pela família, a escola que ela está inserida e tudo. E a infância, é um tempo único que não tem retorno, não tem como você compensar isso lá na frente, então tem que ser vivido de maneira plena. (PROFESSORA E, 2022).

Para mim, a criança é aquele ser pequenininho, que ainda não se desenvolveu, não chegou na fase adulta. E a infância, para mim, é a etapa que a criança está vivendo, na minha opinião, ela não se restringe apenas a criança até os 7 anos, ela vai até chegar na adolescência, é uma fase maravilhosa. Porque a infância é uma descoberta, descoberta do mundo, é um período em que a criança vai experimentar traços, sons, independente de ser na escola, a escola é um meio, é um caminho, que vai proporcionar esse conhecimento. Mas, a criança já começa a ter essas experiências muito antes, quando nasce, ao nascer ela já tem contato com os sons, traços, com cores, mesmo que de forma indireta. Então, a infância é um momento muito rico, é um momento que ela vai construir a história da família, construir a relação com os amiguinhos, construir a relação com a própria vizinhança. Pra mim, é a melhor

³ Por opção metodológica, as falas das entrevistadas serão apresentadas em itálico, respeitando exatamente a forma como forma proferidas.

etapa, se nós pudéssemos sempre voltar a infância, lembrar de como é bom, valeria a pena todos os dias. (PROFESSORA F, 2022).

Nesse sentido, as professoras destacam pontos de suma relevância. Portanto, ao falar de criança, temos que reconhecer que essa etapa da vida é marcada por características que lhe são peculiares, que, independentemente de como é o contexto da infância de uma criança, ela tem necessidades e características próprias.

Já em relação ao tema “Organização do espaço”, perguntamos às professoras como é feita a organização do espaço para trabalhar com as atividades ligadas aos saberes geográficos com as crianças. Conforme as professoras participantes da entrevista, cinco das seis professoras consideram os cantinhos do brincar, cantinho da leitura, as vivências das crianças, as brincadeiras, os desenhos livres, como uma alternativa para organizar e elaborar o trabalho com as crianças.

Ainda de acordo com essa questão, as outras cinco professoras assim se manifestam:

Olha, muitas. Para começar, aqui pelo espaço da sala de aula, aqui a gente já explora, aqui a criança já identifica onde ela pode ficar, onde ela não pode, qual espaço ela pode deitar, igual aqui a gente tem um cantinho, aqui ela pode deitar e relaxar, já ali ela, já entende que é um espaço que ela tem que ficar sentada, quietinha, ela entende que aqui é o espaço que ela não pode correr. E aí, como a gente trabalha isso, lá fora ela sabe que é um espaço onde ela pode ter outros tipos de vivência, lá ela tem o contato com a natureza, ela pode correr, ou seja, exercer atividade que ela não exerce aqui dentro da sala de aula. Então, o tempo todo, a gente trabalha, não só com o conteúdo propriamente dito, mas com as vivências, as experiências e até mesmo com a criança explorando o espaço que ela está inserida. (PROFESSORA A, 2022).

Dentro de sala, são desenhos que eu faço, por exemplo, desenho livre, às vezes tem um dia que eu dou um desenho livre, eu peço que eles reproduzam e falem em rodinha, o percurso que eles fizeram de casa para chegar até a escola, o que eles viram, material da escola, montagem, cenas que eles reproduzem no quadro e desenhos. E dessa forma que eu trabalho, também explorar a linguagem oral com eles, dessa construção do caminho, do percurso, o que eles veem. (PROFESSORA C, 2022).

A organização da sala, como está o tempo hoje, se está nublado, se está chuvoso, se está ensolarado. E na sala, a gente faz cada cantinho também de espaço, cantinho da leitura, cantinho do brincar, eu acredito que é isso. (PROFESSORA D, 2022).

Principalmente no início do ano, a gente trabalha essa questão dela se localizar dentro da escola, dela saber utilizar esses espaços e tornar esses espaços produtivos e ao longo do ano, a gente propõe brincadeiras, experiências nesses espaços, então a gente dá novo significado para esses lugares, então, é nessa ideia que a gente trabalha. (PROFESSORA E, 2022).

Acaba que volta na pergunta número quatro, mas é basicamente isso, na Educação Infantil é a questão da lateralidade, questão da textura, questão de você trabalhar com a criança a noção do espaço da casa, espaço da sala de aula, se está de frente, de trás, em cima, embaixo, é mais essa noção mesmo. (PROFESSORA F, 2022).

Com base nas respostas das professoras, é possível perceber que estas entendem a importância da organização do espaço e do momento em que as crianças estão nesse ambiente para o desenvolvimento de brincadeiras, construção de cultura de pares e ampliação do processo de ensino-aprendizagem.

É importante ressaltar que pensar e planejar os espaços escolares com as crianças torna esses ambientes mais atraentes, prazerosos e afetivos, compostos por diferentes territorialidades infantis, considerando-as seres de direitos, atribuindo significado às suas contribuições e possibilitando uma maior aproximação delas com a escola que frequentam.

Entretanto, faz-se necessário destacar que o espaço, por si só, não faz a educação acontecer, mas que, a partir dele e da sua organização, esse processo se torna mais significativo, sendo alcançados importantes resultados com mais facilidade. Nesse sentido, esses espaços precisam ser pensados e organizados atendendo a necessidades sociais, cognitivas e motoras das crianças.

Ainda, considerando as respostas apresentadas pelas professoras e os estudos advindos da Geografia da Infância, que nos indicam que as crianças vivem no espaço em sua plenitude geográfica, deixando suas marcas, construindo e desconstruindo formas, é possível afirmar que, durante as brincadeiras no ambiente escolar, as crianças também territorializam esses espaços em que estão inseridas. Conforme Santos (2006),

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o

lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, 2006, p.14).

Nessa perspectiva, a Geografia da Infância e suas discussões com outras áreas de Estudos na Infância nos instigam a pensar de quais maneiras as crianças envolvidas pelas condições espaço-tempo vivenciam suas lógicas em diferentes lugares e paisagens, compondo diferentes territórios infantis. Para isso, é importante priorizar as crianças em suas vivências e relações diárias no espaço escolar, tornando-as sujeitos ativos na sociedade e nesses espaços no qual estão inseridas e realizam intervenções significativas.

Portanto, é imprescindível, para o processo de ensino-aprendizagem, que a escola possua uma boa infraestrutura, com espaços pensados e organizados para que possa integrar todos, independentemente de classe social, etnia, religião, portadores de necessidades especiais (promovendo acessibilidade), dentre outros fatores que respeitem e valorizem cada característica que compõe a sociedade e sua diversidade.

Além da questão estrutural, é fundamental que os docentes que atuam junto às crianças tenham a oportunidade de realizar formações continuadas e possibilitem brincadeiras livres ou orientadas ao longo do seu planejamento pedagógico no espaço escolar e atividades, para que essas crianças, como sujeitos de direitos e ativos, possam desenvolver suas habilidades cognitivas, sociais e culturais de maneira integral.

Com relação ao tema “Trabalho na Educação Infantil”, no decorrer das entrevistas, algumas professoras relataram que trabalhar na Educação infantil é muito gratificante e desafiador e indicam os seguintes aspectos:

Ensinar para elas é muito gratificante, porque é a construção, é o mundo delas, é aquela bagagem que elas trazem com elas, todas têm um conhecimento, uma certa leitura de mundo. Então, assim, é muito gratificante, a gente ver o momento que a gente introduz algo na escola, até mesmo, contar histórias, que eu uso muito essa prática aqui na minha sala, essa é uma prática que eles vivenciam no dia a dia, naquele momento e depois o reconto dessas histórias, a construção deles em sala, de uma atividade daquele momento, é muito prazeroso, é o dia a dia mesmo, que a gente vê do início, igual quando eu comecei em fevereiro, até agora, as crianças em relação a elas mesmas, o comportamento em sala, com o coleguinha, aquela proximidade, uns estão começando agora, outros já estão mais à frente. É muito prazeroso essa questão, da construção deles

mesmos, do dia a dia, do empenho, do desenvolvimento, é muito gratificante para a gente. (PROFESSORA C, 2022).

Pra mim é gratificante ensinar e aprender com eles, pois cada dia é uma descoberta diferente. (PROFESSORA D, 2022).

É uma tarefa gratificante, porém, quanto mais o tempo passa, mais difícil está. (PROFESSORA E, 2022).

Um grande desafio, a cada ano que passa, os desafios vão aumentando, hoje nós temos um grande número de crianças inclusivas nas turmas e isso gera desafios novos. Porque cada criança é de um jeito, vem com determinadas situações, para que a gente estude-a e saiba lidar com ela, junto com o grupo. As turmas estão muito cheias também e o número de crianças tem aumentado muito e com isso a Educação Infantil, se torna um grande desafio para as professoras. (PROFESSORA B, 2022).

Então, ensinar para as crianças da Educação Infantil, no início quando eu comecei, eu não comecei diretamente com a Educação Infantil, comecei com o Ensino Fundamental e logo depois fui para a Educação Infantil, eu tive um desafio muito grande, porque unir o ensinar e o cuidar, para mim era muito trabalhoso. Então, eu tive um desafio de mudar muitas coisas na minha logística, mesmo como professora na sala de aula, tentar me programar para ajudar as crianças. Por outro lado, não é só o sentido de ensinar, porque quando nós estamos na Educação Infantil você ensina, mas você também aprende, por mais que seja menores, você está o tempo inteiro também aprendendo, aprendendo na questão da relação social, como eles trazem informações e experiências da família, que você pode usar até para a sua vida mesmo e enfim, outras coisas também que vamos aprendendo com eles no dia a dia. E ensinar na Educação Infantil, é uma tarefa que é de base, aquilo que eu vou passar para eles e a base que vai trazer um sustento, uma suportação, para eles conseguirem ter um alicerce para crescer, crescer no conhecimento, como pessoa, crescer para desenvolver diversas habilidades, tanto para família, sociedade, enfim. (PROFESSORA F, 2022).

A criança é um ser social dotado de capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Com a interação realizada com as pessoas que a cercam, é capaz de aprender, ampliando as relações que lhe darão suporte para se expressar, de forma cada vez mais segura, com diferentes crianças e adultos. Quanto mais ricas forem as oportunidades de interação, maior será seu desenvolvimento. Por isso, é preciso que o professor de Educação Infantil “[...] reconheça e valorize as diferenças existentes entre as crianças e, dessa forma, beneficie a todas no que diz respeito ao seu desenvolvimento e à construção dos seus conhecimentos”. (KRAMER, 1993, p. 37).

O processo educativo da criança tem início na família. Portanto, quando ela chega à escola, já tem internalizados conhecimentos e valores. Cabe à instituição continuar esse processo de conhecimento a partir de estratégias que o professor oportuniza à criança que lhe permitam construir e reconstruir conhecimentos e valores que a tornarão membro da sociedade em que vive e atua. Para ajudar na formação de futuros cidadãos críticos e conscientes, que atuarão em prol de uma sociedade mais justa e igualitária, é necessário que o professor trabalhe os valores de vida, com seus alunos, principalmente na Educação Infantil, porque ela “é o maior passo para a formação futura da criança e organização das bases para as competências e habilidades que serão desenvolvidas ao longo da existência humana”. (SILVESTRE, 2005, p. 12).

No que tange ao tema “Ensino e aprendizagem”, é possível compreender que as professoras da Educação Infantil estão aprendendo a todo momento. Esse fato foi ressaltado por uma professora ao responder a entrevista com a seguinte afirmação: *“Então, eu aprendo com eles, e eles aprendem comigo”*. Além disso, é necessário ressaltar que a relação entre a professora e a criança é um ponto importante no processo de adaptação na Educação Infantil, afinal, ambas as partes compõem a essência do processo ensino-aprendizagem.

Abordar a mediação implica questionamentos sobre como o professor deve atuar em relação ao conhecimento necessário para atuar junto à criança da primeira infância. Albuquerque, Felipe e Corso (2019, p. 17, grifos dos autores), sobre a importância da primeira infância na vida dos pequenos, assim se manifestam:

[...] este é um tempo precioso na vida das crianças em que descobertas, relações e experiências constituem a possibilidade delas se constituírem como sujeitos sociais, pertencente a uma cultura e, ao mesmo tempo, instituírem as suas singularidades nesse mundo. É na infância que as crianças alicerçam as aprendizagens que serão construídas ao longo de suas vidas e, conseqüentemente, num plano mais afetivo, que reservas de entusiasmo pela vida serão nesta fase “bem guardadas”.

Ainda de acordo com essa questão, as seis professoras colocaram que:

Todos os dias, a gente aprende aqui nas vivências, nas trocas, tendo um olhar bem singular e atento para cada criança, para cada experiência que ela traz de vida dela. E assim, o professor também precisa ser um professor pesquisador, você tem que pesquisar, tem que estar sempre estudando. Mas, na prática, a gente aprende, na

troca, mesmo sendo crianças na faixa etária de 4 anos, mas a gente sempre aprende. E ensinar também, a gente busca metodologias, algo que acontece muito espontâneo, mas é claro, que a gente tem que vir preparado, buscar metodologias próprias para ensinar um determinado conteúdo. (PROFESSORA A, 2022).

A gente está aprendendo a todo momento, cada minutinho às vezes são situações totalmente novas, cada dia uma coisa. Então, a gente está sempre em constante aprendizagem. E ensinar é a gente passar o nosso conhecimento, com muito carinho, com muita atenção, sempre observando, porque são crianças pequenas, que às vezes, não sabem pôr para fora aquilo que está incomodando, chateando dentro delas, então a gente tem que aprender a lidar com essas situações também. Então a gente está sempre ensinando, e sempre também buscando aprender coisas novas, para poder passar para essas crianças que são tão pequenas. (PROFESSORA B, 2022).

A gente aprende com eles, a vivência deles, o que eles trazem pra gente mesmo, e, assim, ensinar na maioria das vezes o que acontece em sala, você vem com o planejamento pronto, diante de uma dúvida, diante daquele momento, a gente modifica o planejamento, o planejamento tem que ser flexível, diante da necessidade de cada um. Então, assim, eu procuro ensinar pra eles como tem aqui, as regras de convivência, de respeito, com relação aos colegas, com relação ao material, com relação a natureza, eu costumo fazer com eles quando estou lá fora e quando a gente chega aqui, é saudar o dia, saudar os amigos, a importância de respeitar os espaços, tanto dentro como fora de sala de aula. Então, assim, o dia a dia, essa é a minha prática de sala de aula e tantas outras coisas, tudo aqui tem um processo de construção com eles ainda, tudo depois da pandemia é muito novo ainda, igual esses cantinhos, o horário que eles fazem atividades, a medida do possível eles vão para ali, adoram essa caixinha de livros, contam as historinhas da maneira deles, da forma deles. Tudo isso a gente tem que respeitar, porque é o mundo deles. Então, assim, vou fazendo o planejamento das minhas atividades em cima daquilo que eles já estão dominando. (PROFESSORA C, 2022).

Eu acredito que o professor é mediador de conhecimento, o professor facilita, articula e ajuda. O aluno tem maneiras de pensar e agir bem diferentes, aí cabe a nós professores a tarefa de aproveitar essas habilidades compartilhando experiências e absorvendo conhecimentos. (PROFESSORA D, 2022).

As crianças nos mostram muitos caminhos, aqui na escola a gente tenta a prática dos projetos, mas considerando a curiosidade da criança, então, por aí, ali a gente mais ou menos já vai, ela vai nos ensinando, o que ela quer aprender e ali a gente contextualiza com as orientações que a gente tem da BNCC e da Proposta da Rede Municipal. E fora isso, nós temos os cursos da Prefeitura, as reuniões pedagógicas, que a gente tem o momento pedagógico ali de instrução, dentro da reunião e a troca com os pares, com os professores, a gente tem também os nossos momentos de troca.

Então, assim, a gente vai fazendo essa troca, aprendendo. E aprender é diário, constante, é o tempo todo. (PROFESSORA E, 2022).

Então, todos os dias, como eu te falei, a gente está aprendendo algo novo com eles, através das experiências que eles trazem, das vivências que estiveram na casa, com os outros amigos, em aniversário enfim, em diversas relações que eles participam sociais, eles vão trazendo para a gente, as informações e a gente vai aprendendo. Uma coisa que me chama muita atenção, porque todo ano a gente precisa reorganizar a rotina da sala de aula, uma turma não é igual à turma anterior, e uma coisa que eu sempre trago pra minha vida, é ouvir as crianças na primeira semana de aula, como que eles gostariam que fosse a nossa rotina da sala de aula, então eu aprendo com eles o que eles trazem de bagagem da família, da sociedade, como eles falam isso, todo o conhecimento que eles têm de noção de hora, tempo, o que vamos fazer primeiro, o que vamos fazer depois, então eu ouço e depois a gente consegue montar a nossa rotina de acordo com aquilo que dá pra gente adaptar na sala de aula. Então, eu aprendo com eles, e eles aprendem comigo. (PROFESSORA F, 2022).

A aprendizagem profissional para se tornar professor é iniciada antes mesmo de se ingressar na instituição de ensino superior, pois suas referências são baseadas, muitas vezes, na sua vida escolar. Ao se formar e tornar-se educador nunca se para de aprender, vez que se trata de um processo contínuo, uma busca de reflexão para suas práticas profissionais (VOLTARELLI; MONTEIRO, 2017). Massullo (2015, p. 81) afirma a importância do professor da primeira infância no processo de ensino e aprendizagem:

[...] é o seu compromisso de Cuidar e Educar diariamente, tendo em vista que é ele que conduz o seu trabalho, tomando decisões em relações a seleção dos objetivos e conteúdos a serem alcançados pelas crianças de acordo com a faixa etária e suas limitações, assim, como as metodologias, e recursos que se utilizará para que ocorra a aprendizagem o vínculo afetivo entre professor e aluno é essencial e estão intimamente ligadas à cognitivas. Para isso é fundamental que o profissional da Educação tenha o domínio do conteúdo científico, sólida fundamentação teórica que dê sustentação a sua prática docente diariamente, o que se adquire por meio da informação.

O professor precisa praticar suas habilidades de ensino, sua criatividade e prática, contribuindo para que a criança possa produzir, construir, criar e pensar livremente, ou seja, dando-lhe oportunidade para ser protagonista do próprio desenvolvimento (NEPOMUCENO; BRIDI, 2010). Sendo assim, o processo de

aprendizagem do professor e sua atuação deve conter profissionalismo, ética, práticas, teorias e afetividade, pois o educador da primeira infância deve ser o principal mediador e facilitador na hora do desenvolvimento cognitivo e físico dos pequenos, carregando esse desafio ao longo da sua vida.

Em relação ao tema “Educação Infantil e Outras Faixas Etárias”, seis das quatro professoras entrevistadas afirmam que a Educação Infantil tem uma demanda que é muito específica e, por isso, ensinar para esse segmento é diferente de ensinar para crianças de outras faixas etárias.

As professoras relatam que:

Com certeza, a Educação Infantil ela tem uma demanda que é muito específica da Educação Infantil, os primeiros conhecimentos que são passados, tudo que a criança vai ter como início, como base é na Educação Infantil, o que você vai fazer depois no Ensino Fundamental, seja nos Anos Iniciais ou nos Anos Finais, já é uma continuação daquilo que se iniciou na Educação Infantil. Então, é diferente, porque na Educação Infantil ainda tem a questão muito atrelada ao cuidar e ensinar, no Ensino Fundamental não, você é mais que, vamos dizer assim, não seria a forma correta de dizer, automático e puramente conteudista, não seria a forma correta, mas é a realidade, no Ensino Fundamental é mais conteúdo mesmo e o cuidar fica mais de lado, então é diferente. (PROFESSORA F, 2022).

Totalmente diferente, a criança na Educação Infantil ela necessita de mais atenção, de um certo carinho mais que individual. A criança maiorzinha, elas já são mais independentes, então, já é outra forma da gente lidar com elas. (PROFESSORA B, 2022).

Sim, pois na Educação Infantil temos mais contato com os alunos, a rotina é diferente. (PROFESSORA D, 2022).

Sim, completamente diferente, porque as demandas são muito diferentes. Porque elas estão em uma faixa etária que é completamente diferente das outras, isso demanda recursos, tudo é diferente. (PROFESSORA E, 2022).

As outras duas professoras divergiram nas respostas e indicaram os seguintes aspectos:

Não acho que seja diferente, o contexto sim. Mas em todas as etapas a criança aprende, ela se desenvolve e isso não é diferente na Educação Infantil e nem para uma criança de 10 anos. Porém, na Educação Infantil, eu acho, que eles estão em um momento, que o cérebro mais se desenvolve. Então, nesse momento, é muito

importante a gente explorar todas as habilidades que a criança tem a oferecer, porque é a fase de maior desenvolvimento, é essa faixa etária. Mas, todas as etapas, eu acredito que são muito importantes. (PROFESSORA A, 2022).

Olha, eu acho um pouco mais difícil, não que seja impossível, de jeito nenhum, nada é impossível, igual eu falei, é muito gratificante, porque é o começar, é o iniciar, porque disso, porque as outras crianças também, já passaram por essa etapa, que elas estão passando. Eu trabalho no primeiro período, então, assim, eu já alfabetizei uma vida inteira, já trabalhei com outras práticas, não é que é fácil, é gratificante também. Então, é o passo a passo de tudo, não que seja complicado, é uma missão, é uma tarefa que exige mais, porque a criança se perde por qualquer coisinha que acontece na sala de aula, ela distrai, ela não tem o foco o tempo inteiro naquilo, tem que ser atividades mais curtas, para que ela possa fazer e realizar, porque cansa. Assim, é tudo possível, com certeza, porque a criança é tudo de bom, a criança tem uma facilidade de aprender, absorver as coisas, que às vezes a gente acha que não. (PROFESSORA C, 2022).

Como exposto por uma professora, a “Educação Infantil ainda tem a questão muito atrelada ao cuidar e ensinar, no Ensino Fundamental não”. Com isso, pode-se notar que há uma discrepância de ensinar para a Educação Infantil e ensinar para crianças maiores. Na Educação Infantil, está muito presente o aspecto do cuidar e o educar, que consiste em compreender que o espaço e o tempo em que a criança vive exige seu esforço particular e a mediação dos adultos como forma de proporcionar ambientes que estimulem a curiosidade com consciência e responsabilidade. É fazer com que a ação pedagógica seja correspondente ao universo infantil, estabelecendo uma visão integrada do desenvolvimento da criança com base em compreensões que respeitem a diversidade, o momento e a realidade peculiares à infância.

Como salientam as Diretrizes Curriculares para Educação Infantil (2009, p.10) ao afirmarem que

educar cuidando inclui acolher, garantir a segurança, mas também alimentar a curiosidade, a ludicidade e a expressividade infantis. Educar de modo dissociado do cuidar é dar condições para as crianças explorarem o ambiente de diferentes maneiras (manipulando materiais da natureza ou objetos, observando, nomeando objetos, pessoas ou situações, fazendo perguntas etc.) e construir sentidos pessoais e significados coletivos, à medida que vão se constituindo como sujeitos e se apropriando de um modo singular das formas culturais de agir, sentir e pensar. Isso requer do professor ter sensibilidade e delicadeza no trato de cada criança, e assegurar atenção especial conforme as necessidades que identifica nas crianças.

Cuidar e educar implicam reconhecer que o desenvolvimento, a construção dos saberes, a constituição do ser humano não ocorrem em momentos e de maneira compartimentada. Portanto, na Educação Infantil, o ato de cuidar e educar são indissociáveis. Não tem como separar essas duas ações. O cuidar e o educar estão nas coisas mais simples da rotina pedagógica da Educação Infantil.

Segundo o RCNEI (1998, p. 25),

Quanto menor for à criança, mais serão necessárias as atitudes e procedimentos de cuidado do adulto, para o processo educativo; O momento da alimentação, da troca de fralda, banho e descanso (sono) promovem vínculos afetivos entre o bebê e o profissional, que não apenas cuida, mas também faz a mediação com o mundo que o cerca; As crianças maiores de três anos já são mais independentes em relação ao uso do banheiro, mas ainda necessitam de orientações a respeito das atitudes de higiene consigo e com o ambiente. Nesse sentido, cabe ao professor orientá-las quanto ao uso correto; As crianças de 4 a 5 anos são independentes com relação às refeições, portanto deve-se oferecer a elas a oportunidade de servirem-se sozinhas e de utilizarem talheres como garfos e facas; O professor deve orientar a criança em relação às medidas de segurança, aos riscos em subirem em locais altos, brincarem com objetos pontiagudos ou cortantes, aproximarem-se de fogão, fogo, etc.; É muito importante que o professor valorize as brincadeiras, pois é por meio do brincar que os pequenos se expressam, representando o mundo e criando situações que precisam ser solucionadas. Dessa forma, o professor tem a oportunidade de observar e mediar a construção de novas aprendizagens.

Diante do exposto, na Educação Infantil, o cuidado com as crianças é visto como uma prática pedagógica, uma maneira de mediação, de diálogo que os professores estabelecem na apropriação dos conhecimentos. O cuidar e o educar se fazem nas rotinas diárias, desde o momento em que se troca a fralda, auxilia-se na alimentação, ensina-se a fazer a higienização, enfim, todas as atividades realizadas nas instituições de Educação Infantil estão ensinando às crianças, por meio das rotinas diárias e atividades lúdicas. Já as crianças maiores são mais independentes e necessitam de outras condições, como, por exemplo, oportunidade para desenvolver habilidades motoras finas, encorajamento para exercitar a linguagem, através da fala, da leitura, entre outros.

É de suma seriedade que as instituições de Educação Infantil incorporem de maneira integrada as funções de cuidar e educar, não mais diferenciando, nem

hierarquizando os profissionais e instituições que atuam com crianças pequenas ou aqueles que trabalham com as de mais idade.

A escola de Educação Infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Essa instituição cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação.(BRASIL, 1998).

Para finalizar com o tema saberes geográficos na Educação Infantil, perguntamos para as professoras como elas conceituam o campo de conhecimento dos saberes geográficos:

Então, a gente pode desenvolver esse campo de diferentes formas, em diferentes momentos, por exemplo, quando a gente propicia uma atividade, para a criança identificar no espaço o que ela precisa, o que ela pode explorar naquele espaço, quando a gente propõe atividades até mesmo de folha, para que ela possa também colocar ali suas experiências, colocar ali o que ela sabe, o que ela entende sobre os Saberes Geográficos. (PROFESSORA A, 2022).

Então, esse campo é muito importante, dos saberes geográficos na Educação Infantil, igual, por exemplo, o mundo que ela está inserida, o espaço de mundo, a leitura de mundo que ela traz. Eu procuro muito trabalhar com eles a questão, de quando eles vêm, por exemplo, tem uns alunos que vem de van, vem de ônibus, o que eles observam, o entorno da escola, a construção deles dentro de sala de aula. Tudo isso é muito importante, a gente está trabalhando, porque isso tudo eles observam, a gente acha que não, mas eles observam. (PROFESSORA C, 2022).

Eu vejo que pode ser importante para as crianças, pois, a partir desses saberes, elas podem ter noção e identificar o lugar onde vive, tempo, espaço, a paisagem e até o espaço dentro da sala. (PROFESSORA D, 2022).

É a localização da criança no espaço, como ela utiliza esse espaço considerando ela própria, a influência que ela traz esse espaço, acredito que mais ou menos que é esse caminho de conceito. (PROFESSORA E, 2022).

Então, eu acho que esse campo do conhecimento ele é importante, porque a criança precisa ter essa noção de espaço, noção de lateralidade, por exemplo, ela está aqui hoje na escola, dentro da Universidade, ela precisa conhecer qual é o trajeto até chegar à casa dela, quem é a vizinhança dela, ou qual ônibus que ela tem que entrar para chegar, passar pelo trajeto para chegar no trajeto até a escola, qual o trajeto da van, então, vai trazer uma noção de localização, lateralidade, também a questão do espaço físico, esse espaço que nós estamos, como ele é, será que é um chão totalmente

de terra, chão grosso, é piso, será que nossa sala tem luminosidade, será que entra luminosidade nessa sala suficiente, para não ter que acender luz pela manhã, enfim, é um campo muito vasto para se trabalhar. Então, eu acho que a questão do conhecimento geográfico é muito também antes da criança entrar na escola, a escola só vai aprimorar esse conhecimento, e trazer uma forma de sistematizar, mas a criança ela com o pai, já conversando, vamos ao shopping, a criança já vai reparando os lugares, vamos passear, vamos lá na casa da vovó, o que tem na casa da vovó, como é a casa da vovó, será que a casa da vovó e de telhado normal ou de laje, quando ela entra nessa casa por onde que você entra, você entra pelos fundos ou pela porta da frente, então tem toda essa noção desde pequeninhos. (PROFESSORA F, 2022).

Quando nos referimos a saberes geográficos, estamos evidenciando aqueles que envolvem a compreensão das relações espaciais, como: espaço, tempo, ações, papéis sociais, entre outros. Com as entrevistas realizadas com as professoras da Educação Infantil, percebemos que há a presença dos saberes geográficos nas práticas diárias e a preocupação dessa inserção em suas rotinas cotidianas.

Na Geografia, inúmeras reflexões são apresentadas em termos de tempo e espaço, de pensar os saberes geográficos lendo o mundo por meio do espaço, entendendo como a sociedade lida e acolhe as crianças, tendo em vista os mais diversos ambientes vivenciados por elas. Todos constituem aprendizagens pelo fato de não viverem os espaços e tempos da mesma forma. A criança vivencia outros lugares, em diferentes momentos, em contato com outras crianças. Nesses contatos, as experiências culturais são trocadas, os conhecimentos construídos e a compreensão do lugar no mundo torna-se significativa.

Portanto, pensar tempos e espaços na Educação Infantil é voltar o olhar às práticas e experiências das crianças, um olhar que valorize suas potencialidades, que as veja como construtoras de conhecimentos visando à interação com o outro e sua forma lógica de ser criança, “pensar em novas formas de lidar com os saberes, tempos e espaços específicos da Educação Infantil”. (FINCO, BARBOSA e FARIA, 2015, p. 11).

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA FINALIZAR

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De um modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para sabermos o que seremos. (FREIRE, 2011, p.18).

O presente trabalho de conclusão de curso teve como objetivo compreender os saberes e as vivências geográficas na Educação Infantil. Buscando responder os objetivos aqui elencados, utilizamos como estratégia metodológica uma abordagem qualitativa, tendo como instrumento a realização de entrevistas com seis professoras da Educação Infantil da Escola Municipal Santana Itatiaia.

A composição do referencial teórico serviu de ancoragem para evidenciar os conceitos e as categorias centrais da pesquisa. Iniciamos destacando o “Conceito da infância no transcorrer da história”, “A infância na sociedade ocidental”, “A infância e a criança”, “Geografia da infância” e a “Categoria da *perejivânie*”. Tais conceitos variam de acordo com o contexto em que as crianças estão inseridas e são fundamentais para que a criança possa recriar a realidade em que vive.

A Geografia da Infância nos possibilitou compreender que as crianças vivem no espaço em sua plenitude geográfica, deixando suas marcas. Elas criam e recriam lugares e territórios, vivendo seus afetos e seus desejos nos espaços vividos.

A Geografia também nos ajudou a compreender os territórios e as territorialidades no espaço escolar, que são constituídos pelas crianças nas suas relações. A constituição desses territórios se efetiva a partir da organização de um determinado grupo social, em que se estabelecem relações políticas de controle ou relações afetivas, identitárias e de pertencimento. A partir desses territórios, as crianças se organizam no espaço da escola e nas relações com seus pares.

Os dados produzidos a partir das entrevistas nos indicaram como as professoras abrangem a questão dos saberes geográficos na Educação Infantil. Além do mais, a pesquisa nos apontou que a escola também dispõe de espaços adequados para a realização dessas atividades que são propostas e, na medida do

possível, procura inserir a criança de maneira ativa e participante na construção e ocupação desses espaços escolares.

Nesse sentido, o espaço geográfico vivenciado pelos estudantes no ambiente escolar pode contribuir para o processo de transformação integral das crianças, por meio das interações materiais, sociais e simbólicas desses sujeitos com o meio no qual estão inseridos e as representações que podem ser construídas nesse espaço e com seus pares, caracterizando a territorialização. Para tanto, é fundamental que a criança perceba a possibilidade de se apropriar do ambiente escolar e de vivenciar esse espaço como um lugar pertencente à sua infância, deixando suas próprias marcas registradas sobre as mais variadas formas e marcando seu território por meio de suas ações.

As professoras participantes desta pesquisa, em alguns momentos, nos relatam a importância de incluir esses sujeitos de maneira ativa como participantes nesse processo, considerando que a centralidade do processo educativo devem ser as crianças. Sendo assim, faz-se necessário ressaltar a importância da realização de novas pesquisas que posicionem a criança como protagonista no processo de interação com o espaço escolar, por meio das brincadeiras e relações com seus pares, com objetivo de melhor compreender a construção de seus territórios e particularidades.

Por fim, após um longo período de tempo, dedicação e estudos, chegamos ao final desta trajetória esperando que esta monografia possa contribuir com as áreas de Estudos da Infância, Geografia e Geografia da Infância, como também para a formação de professores, para a construção de práticas pedagógicas que respeitem as crianças como sujeitos de direitos e como participantes ativas no processo de construção desses espaços nos quais estão e são inseridas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Simone Santos de; FELIPE, Jane, CORSO, Luciana Vellinho (org.). **Para pensar a docência na educação infantil**. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2019.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC.1981.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.

BRASIL. Lei n. 9394 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Pesquisa qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora. 1994.

CAMPOS, Gleisy; LIMA, Lilian (Orgs.). **Por dentro da educação infantil: a criança em foco**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010.

CORSARO, William. **The sociology of childhood**. Califórnia: Pine Forge, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FINCO, Daniela; BARBOSA, Maria Carmem; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Campos de experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro**. Campinas, SP: Edições Leituras Críticas, 2015.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KORCZAK, Janusz; DE ABREU DALLARI, Dalmo. **O direito da criança ao respeito**. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1981.

KRAMER, Sônia. Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões. In: MACHADO, Maria Lúcia de A. **Encontros e desencontros em educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LOPES, Jader Janer M.; VASCONCELLOS, Tânia de. **Geografia da infância: reflexões sobre uma área de pesquisa**. Juiz de Fora: Feme/UFJF, 2005.

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia. Geografia da infância: territorialidades infantis. **Currículo sem fronteiras**, v. 6, n. 1, p. 103-127, 2006.

LOPES, Jader. Geografia das Crianças, Geografias das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Revista Contexto & Educação**, ano 23, nº 79, jan./jun. 2008.

LOPES, Jader Janer Moreira. É coisa de criança: reflexões sobre a geografia da infância e suas possíveis contribuições para pensar as crianças. In: VASCONCELLOS, Tânia de. **Reflexões sobre infância e cultura**. Niterói: EDUFF, 2008.

LOPES, Jader Janer M. VASCONCELLOS, Tânia. **Geografia da Infância: reflexões sobre uma área de pesquisas e estudos**. Juiz de Fora: FEME, 2005.

LOPES, Jader Janer Moreira. **O menino que colecionava lugares**. Porto Alegre: Mediação, 2016.

MASULLO, Virginia Flora. As dificuldades dos professores na educação infantil, questões estruturais e pedagógicas. **Humanitas**, vol. 4 nº 1, p. 72-97, 2015.

NEPOMUCENO, Camila Patrícia; BRIDI, Jamile Cristina Ajub. O papel da escola e dos professores na educação de crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem. *Revista Eletrônica de Ciências da Educação, Campo Largo, PR, v. 9, n. 1, jul. de 2010.*

NUNES, Angela. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwe- Xavante In SILVA, Aracy L. et al. Crianças indígenas. **Ensaio Antropológico**. São Paulo: FAPESP/ Global/ Wari.2002.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PINO, Angel. A criança e seu meio: contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação. **Psicologia USP**, v. 21, p. 741-756, 2010.

RODRIGUES, Jéssika Oliveira et al. A importância do ensino da Geografia e o uso das tecnologias nas séries iniciais. In: CONGRESSO NORTE – MINEIRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: UNIVERSIDADE, HISTÓRIA E MEMÓRIA, 06., 2014, Montes Claros – MG. **Anais...** Montes Claros: Unimontes, 2014. 1-10.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003. (texto digitado).

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: Definindo conceitos, delimitando o campo. In PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (coords.). **As crianças: Contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.p. 9-30.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: Correntes e Confluências, In SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S. (orgs). **Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p.17-39.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e Miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto, Portugal: Asa Editores, 2004.

SILVESTRE, Daniela Donini. **Manual para Cuidadores de Crianças em creches, berçários, maternais e pré-escolas**: Fundamentos para a qualidade em saúde, segurança, higiene e educação. Petrópolis: Vozes, 2005.

TUNES, Elizabeth. **O fio tenso que une a Psicologia à Educação**, Brasília: UniCEUB, 2013.

VOLTARELLI, Monique Aparecida; MONTEIRO, Maria Iolanda. Aprendizagem docente na educação infantil: saberes de professoras que atuam nas creches. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, SP, v. 27, n. 55, p.369-388, 2017.

APÊNDICE

Roteiro de entrevista para as Professoras

- 1- Como você considera ensinar para as crianças da Educação Infantil?
- 2- Como você define o que é criança e a infância ?
- 3- Você acha que ensinar para a Educação Infantil é muito diferente do que ensinar para crianças de outra faixa etária?
- 4- Como você conceitua esse campo do conhecimento (Saberes geográficos na Educação Infantil)?
- 5- Quais atividades trabalhadas em sala de aula com as crianças, você identifica que está ligada com os Saberes Geográficos?
- 6- Como você professora de Educação Infantil aprende e ensina?